

A Escuta: o neoliberalismo no discurso midiático contemporâneo sobre o sujeito jornalista

The Wire: the neoliberalism in the media discourse of the contemporary journalistic subject

Jônathas Grunheidt Vilela Ordine¹
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
jonathas.vilela@acad.ufsm.br

Marluza Terezinha da Rosa²
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
marluza.rosa@ufsm.br

RESUMO: Com a consolidação do jornalismo ao longo do tempo, uma imagem ideal, tanto do profissional quanto de seu trabalho, foi solidificada no imaginário social. Ainda hoje, é frequente o conflito entre a área e o que se espera dela, como a total imparcialidade na produção de matérias e uma fidelidade ao que é considerado fato. Este trabalho reflete sobre a dessuperficialização da posição-sujeito jornalista a partir do personagem Scott Templeton, introduzido na quinta temporada da série A Escuta (2002). Para isso, busca-se compreender e problematizar o funcionamento das projeções sociais sobre o jornalista em suas produções de sentidos. Nessa direção, a pesquisa se sustenta a partir dos estudos discursivos, desenvolvidos por Orlandi (2015, 2022), e jornalísticos, propostos por Traquina (2020), em diálogo com Davallon (1999), Nietzsche (2019), Dardot e Laval (2016) e Han (2024). Com isso, conclui-se que o caráter multifacetado do jornalismo e sua historicidade impossibilitam o efeito de imparcialidade, ao mesmo tempo em que tal ilusão de isenção é alimentada por um sistema capitalista neoliberal.

Palavras-chave: Jornalismo; A Escuta; Análise do Discurso; Sujeito; Neoliberalismo.

ABSTRACT: With the consolidation of Journalism in society, an ideal image of both the professional and his/her work was solidified in people's imagination. Even today, the area often conflicts with what is expected of it, such as total impartiality in the production of news and fidelity to what is considered fact. This work reflects on the desuperficialization of the journalistic subject-position based on the character Scott Templeton, introduced in the fifth season of the series The Wire (2002). To this end, it seeks to understand and problematize the functioning of the journalist's social projection in his production of senses. In this direction, the research is supported by the discursive studies of Orlandi (2015, 2022) and Traquina (2020), in dialogue with Davallon (1999), Nietzsche (2019), Dardot e Laval (2016) e Han (2024). In conclusion, the multifaceted character of journalism and its historicity

¹ Graduando em Jornalismo Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen. ORCID: 0009-0002-5546-9327. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5927384481490998>

² Docente no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. É graduada e mestra em Letras e doutora em Linguística Aplicada. ORCID: 0000-0002-3590-1752. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7452330796648673>

make it impossible for the effect of impartiality, at the same time that such an illusion is fed by a neoliberal capitalist system.

Keywords: Journalism; The Wire; Discourse Analysis; Subject; Neoliberalism.

Apontamentos iniciais

O jornalismo constantemente tem seu papel questionado enquanto produtor e disseminador de conhecimento nas sociedades, especialmente as consideradas democráticas. Como explica Traquina (2020, p. 16), “a democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade”. Diante disso, ela demonstra importância na preservação dessa profissão, graças à liberdade de expressão, como uma de suas características. No entanto, na tentativa de fixar seus ideais na opinião pública, exemplos de políticos que procuram suprimir a atuação jornalística, baseando-se na suposta imparcialidade dos profissionais, é que não faltam. Especificamente nos últimos anos, no Brasil, o jornalismo se viu ameaçado pela proliferação dessa visão por parte do democraticamente eleito ex-presidente Jair Bolsonaro, cujas ofensivas contra a imprensa e as instituições se mostraram crescentes. Segundo o relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), os ataques subiram de 130 em 2019, primeiro ano de sua gestão, para 453 em 2021. Apesar da queda a partir de 2023, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, os números permanecem superiores aos patamares pré-2019, o que denota significativo enraizamento da desconfiança e da descredibilização da profissão.

A postura de Jair Bolsonaro encontra similaridades na estratégia comunicacional de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos reeleito democraticamente em 2024 pelo partido Republicano. A campanha eleitoral para o primeiro mandato de Trump ocorreu em 2016, tendo o governo iniciado no ano seguinte. Em sua relação com a imprensa, Trump repetidamente a desqualifica e recorre às redes sociais para enquadrar seus ideais da maneira que julga ser a correta para o público. Ao mesmo tempo, ele não hesita em conceder entrevistas ao canal de notícias *Fox News*. Uma pesquisa do *Pew Research Center*³, realizada entre outubro e novembro de 2019, mostrou que o nível de confiança dos eleitores republicanos nos maiores veículos de notícias não chega a 35%, com exceção da *Fox News*, que detém 65% de confiança. Por outro lado, dentre os eleitores do partido Democrata, a confiança nos veículos costuma ser bastante superior à desconfiança, sendo *Fox News* o único a obter desconfiança majoritária de 61%.

Nessa direção, mantém-se relevante a discussão sobre a posição que o jornalista ocupa ou deve ocupar num regime democrático. Aos profissionais atuantes e futuros profissionais da

³ Democrats report much higher levels of trust in a number of news sources than Republicans. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/journalism/2020/01/24/democrats-report-much-higher-levels-of-trust-in-a-number-of-news-sources-than-republicans/>. Acesso em: 07 fev. 2025.

área, faz-se necessário perceber a diferença entre a projeção da imagem socialmente dominante do jornalista e as possibilidades de atuação que a área proporciona. A noção de verdade, particularmente, pode ser conceito fundamental para se discutir essa questão, ainda mais diante do modo como as rotinas de produção e o cenário econômico impactam na profissão. Assim, este trabalho se justifica em sua contribuição social, por oferecer um ponto de vista do e sobre o jornalismo que se afasta do senso comum, e profissional, por retomar a área enquanto construção afetada pela ideologia.

A série policial *The Wire* (2002-2008), A Escuta, em português, é tomada aqui como observatório das vicissitudes que caracterizam a construção da posição-sujeito jornalista, atravessada pelas discursividades contemporâneas. Seleciona-se como objeto de análise a quinta e última temporada da série, mais precisamente algumas partes em que aparece o jornalista Scott Templeton, personagem interpretado pelo ator Thomas Joseph McCarthy. Durante sete anos, *The Wire* circulou como novidade nos Estados Unidos pelo canal *Home Box Office* (HBO), propriedade da antiga *WarnerMedia* que passou a se chamar *Warner Bros. Discovery*, após fusão com a empresa *Discovery*, em 2022. Iniciativa do ex-repórter policial David Simon, a série atualmente está disponível no Brasil pelo serviço de streaming por assinatura Max, que é da mesma empresa. No *Rotten Tomatoes*, site reconhecido por agregar avaliações da imprensa sobre filmes e séries, *The Wire* recebeu uma nota média de 9.6 a partir de 149 críticas, enquanto no *Internet Movie Database* (IMDb), focado mais na opinião do público, as mais de 396 mil notas lhe renderam média de 9.3. Apesar de ter personagens que aparecem com maior frequência, o protagonista da série é considerado um lugar, Baltimore. Nessa dinâmica, *The Wire* explora diversas perspectivas numa cidade tomada por embates entre policiais e traficantes, tais como a visão deles, da prefeitura, da advocacia, dos professores, dos estudantes e da imprensa. Por isso, a série não hesita em “rebaixar” ou eliminar personagens que participaram de muitas cenas para focar em outros que aparentam não ter relevância.

A partir disso, converge-se parcialmente com os estudos desenvolvidos na tese de Hernández-Pérez (2019) sobre a série, pois a autora mobiliza a análise de discurso como aporte teórico para relacionar os enquadramentos de câmera às falas dos personagens. Entretanto, este artigo se baseia no trabalho de Orlandi (2015, 2022) e se propõe a dar maior destaque às cenas de Scott na redação do jornal *The Sun*. Então, o que se estabelece como objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre a dessuperficialização da posição-sujeito jornalista a partir do personagem Scott. Para isso, busca-se especificamente compreender e problematizar o funcionamento da projeção social sobre o jornalista perante os discursos reverberados por ele.

Nesse sentido, o entrelaçamento entre os estudos discursivos de Orlandi (2015) e os estudos jornalísticos de Traquina (2020) se torna propulsor crucial para a análise.

Enquanto o suporte teórico de Davallon (1999) é fundamental para se discutir a relação entre o jornalismo e a verdade, a contribuição de Nietzsche (2019) se faz necessária para entender o senso de autopreservação do profissional. Já a articulação entre Dardot e Laval (2016) e Han (2024) contribui para a compreensão dos atravessamentos entre o discurso jornalístico contemporâneo e o discurso neoliberal.

A constituição neoliberal do sujeito jornalístico

A questão de saber se o jornalismo é ou não uma profissão já foi de constante debate social entre os séculos XVIII e XIX, devido à acusação de que os jornalistas dependiam inteiramente de outras profissões para existirem. Com o advento do discurso digital, a partir do desenvolvimento acelerado de novas tecnologias no século XXI, encurtou-se a distância entre o conhecimento e o público, anteriormente administrada em maior grau pelo jornalismo. Dessa maneira, o debate sobre a relevância da profissão retorna, movido por figuras, especialmente políticas, capazes de usufruir do meio digital para se aproximar da população sem o intermédio jornalístico. Consequentemente, eleva-se o questionamento sobre a necessidade existencial dessa área, resultando em sua descredibilização. Porém, este trabalho deixa de lado essa problemática ao se embasar na seguinte reflexão de Traquina (2020):

A pergunta “o jornalismo é ou não é uma profissão?” é uma pergunta mal formulada porque, como sublinham os diversos estudiosos da profissão, em vez da dicotomia é preciso pensar as atividades de trabalho na sociedade numa linha de profissionalização. Nessa perspectiva, a pergunta [...] é, portanto, se o jornalismo tem estado envolvido num processo de profissionalização que visa à sua deslocação na direção do polo representado pelas profissões liberais, como os médicos e os advogados (Traquina, 2020, p. 100).

Diante desse apontamento, pode-se identificar que o jornalismo, para fins de validação social, possui uma antiga dependência do liberalismo econômico. Entretanto, uma análise mais contemporânea requer que se considere menos o liberalismo clássico, que repudia qualquer intervenção do Estado, do que o neoliberalismo em sua relação com a imprensa. Nesse sentido, define-se o neoliberalismo como não somente uma ideologia ou política econômica, mas também um sistema de normas que perpassa todas as esferas e relações sociais (Dardot; Laval,

2016, p. 7); um discurso, na perspectiva de Orlandi (2022). Diferentemente de Traquina (2020), a autora talvez não compreenda a pergunta sobre a profissão como “mal formulada”, uma vez que “a formulação é o lugar em que esta contradição se realiza” (Orlandi, 2022, p. 14). É na formulação dos discursos, portanto, que se dão as possibilidades práticas para o sentido e a história.

Partindo do pensamento de Orlandi (2022, p. 10), para quem “o sujeito é determinado pela exterioridade [...] na forma-sujeito histórica que é a do capitalismo”, foca-se no jornalismo enquanto área cuja rotina de produção é afetada pela ideologia dominante do capitalismo neoliberal, pois assim é possível dizer sim à questão da profissionalização. Embasando-se nos trabalhos de Greenwood (1957), Traquina (2020) pontua que um dos atributos de uma profissão é a existência de um código de ética que pode despertar ressentimento entre colegas ao ser violado. É o que também ocorre com o jornalismo, mas o profissional está submetido a um código diferente em cada país. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, por exemplo, não é igual ao dos Estados Unidos, dentre os quais o mais influente é o código da *Society of Professional Journalists* (SPJ).

Em determinados momentos, ao almejar objetivos estabelecidos pela área, o jornalista pode ser capaz de ultrapassar não só seus princípios éticos, como também os limites que separam o legal do ilegal. “Se tudo parece possível, tudo é duvidoso, tudo é suspeito, porque nada é lei para ninguém” (Dardot; Laval, 2016, p. 475). Então, precisa-se elencar que, assim como os demais, o jornalista se submete a um contrato simbólico que preza pela estabilização social. Tal convenção se concretiza nas leis da Constituição Federal de 1988, no caso do Brasil. Conforme esses apontamentos, pode-se avaliar que o descumprimento de seu código de ética expõe o jornalista majoritariamente aos crimes de calúnia e difamação, quando ele é acusado de supostamente divulgar ou disseminar um fato falso sobre algo ou alguém.

Exemplo disso é outro alerta da Abraji sobre o aumento, nos últimos anos, de ações judiciais que contêm essas acusações movidas por políticos, ou seja, o que a organização classifica como crescente assédio judicial. Porém, Dardot e Laval (2016) argumentam que, apesar de a lei ser um modo de organizar os direitos e deveres em relação uns aos outros, o neoliberalismo destrói tais regras e direitos, ao produzir novas dinâmicas sociais em favor da livre concorrência. Soma-se a isso a seguinte reflexão dos autores:

O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de

governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência (Dardot; Laval, 2016, p. 16).

Portanto, ainda que o direito de mentir não seja estabelecido pela Constituição, apesar de já ter sido mencionado na tribuna da Câmara dos Deputados, a ordem capitalista em funcionamento no século XXI pode ser capaz de legitimá-lo. No mundo da competitividade, o parecer ganha prioridade em detrimento do ser. Essa construção serve tanto ao jornalismo quanto a outras esferas das sociedades contemporâneas.

A Teoria do Espelho descreve o jornalismo como disseminador de um retrato fiel à realidade por meio das notícias, e o jornalista, um comunicador interessado apenas na verdade, porém “os jornalistas são participantes ativos na [...] construção da realidade” (Traquina, 2020, p. 19). É importante, então, discorrer sobre a verdade no jornalismo. De maneira superficial e banalizada, ela se faz presente nas duas concepções que os profissionais da área consideram para a fabricação de notícias: fato e acontecimento. Enquanto o primeiro diria respeito a uma verdade qualquer, que não necessariamente tem relevância para se tornar notícia, o segundo seria a verdade que o jornalista persegue ao enxergar valores como os de interesse público ou fato inusitado. Nesse sentido, “os jornalistas partilham estruturas invisíveis, [...] através das quais veem certas coisas e não outras” (Traquina, 2020, p. 22).

Entretanto, o acontecimento jornalístico enfatiza um contexto imediato da realidade e, ao considerar a discussão em torno de *The Wire*, faz-se necessário mobilizar a noção de acontecimento tal como formulada por Davallon (1999), que o caracteriza como histórico, passível de ser retomado em imagens, graças à memória social partilhada pelos membros de uma sociedade. Ainda nessa direção, Davallon (1999, p. 26-27) aponta que “o acontecimento se dará em uma linha singular do tempo; mas a essência do ato se encontrará para a própria estrutura do objeto que o representará”. Portanto, não se trata da inexistência da verdade, mas de sua breve ocorrência. Ao reconstruí-la por meio do acontecimento, o jornalista já a perdeu. As notícias, então, assumem o papel de objeto de representação desse efeito de verdade, afastando-se ainda mais de uma suposta verdade imutável em razão de seleção e recorte no processo de produção.

Esse percurso conduz este trabalho à apresentação do personagem Scott Templeton. Na série *The Wire*, ele é introduzido na quinta e última temporada e, inicialmente, mostra-se um profissional promissor, altamente valorizado pelos diretores do jornal. Porém, logo sua conduta começa a ser questionada por um dos editores, que o acusa de distorcer matérias para tornar o conteúdo mais atrativo e, até mesmo, a inventar histórias inteiras. O jornal no qual eles

trabalham é o *The Sun*⁴, na cidade mais populosa do estado de Maryland, Estados Unidos (EUA). Trata-se apenas de uma subsidiária. Segundo Traquina (2020), em 1831, o jornal e sua sede em Nova York (EUA) surgiram com o desenvolvimento da *penny press*, ou imprensa de centavos, entre os anos 1830-1840. A venda dos jornais a um centavo acelerou a mudança de um jornalismo de opinião para o avaliado como informação, ou seja, a imprensa estadunidense sofre um processo de despolitização ao longo século XIX, de modo a priorizar interesses econômicos.

Nesse ritmo, ao longo da história, construiu-se uma imagem de como o jornalismo e seus profissionais deveriam agir, caracterizando o modo como sua posição faz sentido. Tendo isso em mente, consideram-se os estudos de Orlandi (2015), a partir de Pêcheux (1989), sobre o efeito de sentido entre locutores, o qual a autora define como discurso. Há o funcionamento de um discurso dominante sobre o jornalismo que interessa a este trabalho. Nessa perspectiva, o indivíduo se torna sujeito, resultado da projeção de imagens que o outro faz dele, constituindo assim sua posição-sujeito (Orlandi, 2015). No caso do jornalista, as imagens que compõem sua posição passam por consolidações históricas que o próprio jornalismo alimenta em momentos cuja profissão está ameaçada. Isso é explicado pela noção de historicidade (Orlandi, 2015), a qual detalha que um dos aspectos de constituição do sujeito é seu atravessamento histórico, o fato de seu dizer e sentidos serem influenciados por tudo que já foi dito e produzido.

Diante desse contexto, ressalta-se que o enredo da última temporada da série se passa em 2007, ano em que se iniciou a crise econômica nos Estados Unidos conhecida como A Grande Recessão. Em 2008, a crise levou à falência do banco *Lehman Brothers* e se intensificou em âmbito global, tendo o aumento do desemprego como uma de suas principais consequências. Como as gravações ocorreram em 2007 e a temporada foi lançada no ano seguinte, não se pode ter a certeza de paralelos intencionais entre as filmagens e o período histórico do momento. Isso é reforçado pelo pensamento de Orlandi (2015), a qual afirma que a intenção do autor não é alcançável, uma vez que este não possui controle sobre os sentidos produzidos a partir de sua obra.

Nesse cenário, a série apresenta o jornal num período de dificuldade financeira e pretendendo concorrer ao *Pulitzer*, prêmio dado aos veículos que realizam trabalhos jornalísticos de excelência. Sendo a imagem também uma representação da realidade (Davallon, 1999), Scott e suas atitudes funcionam como exemplo de dessuperficialização da

⁴ The Baltimore Sun, em razão da cidade em que está sediado, segue, em 2025, como o jornal de maior circulação em Maryland, Estados Unidos.

posição do jornalista, isto é, suprime-se a idealização ao se representar suas rotinas de trabalho. Dessa forma, Traquina (2020, p. 22) enfatiza que “o jornalismo é uma atividade intelectual” e isso se soma à compreensão de que “o intelecto, enquanto meio de conservação do indivíduo, desenvolve o essencial de suas forças na dissimulação” (Nietzsche, 2019, p. 10). Assim, pode-se sugerir que qualquer jornalista, com o objetivo de preservar seu cargo e profissão, age e constrói matérias de forma dissimulada. Então, produz-se o sentido de que tanto o jornalista quanto os produtos resultantes de seu trabalho não encontram amparo em uma suposta verdade factual, apenas em sua representação.

Nos minutos finais do décimo e último episódio da temporada, são exibidas cenas em que Scott e o jornal ganham o prêmio *Pulitzer*, enquanto Augustus Haynes, conhecido como Gus, um dos editores, conforma-se em sua posição e decide não escalar o confronto com o jornalista em ascensão. Para Dardot e Laval (2016, p. 110), “a agenda do neoliberalismo é guiada pela necessidade de uma adaptação permanente dos homens [...] a uma ordem econômica intrinsecamente variável”. Em razão disso, como ambos os personagens não são afetados de igual modo pela história e pela ideologia, é provável que Scott não saia prejudicado por demonstrar maior aderência à agenda em circulação, ou seja, maior estabilidade em face da instabilidade financeira da sociedade. Em outras palavras, Scott pode ser visto como alguém que se conforma mais com a desigualdade e nela enxerga oportunidades. Tais características se relacionam bem com uma faceta do jornalismo que anseia por material inusitado, polêmico e/ou trágico que apele ao emocional do consumidor.

Perante isso, o professor Traquina (2020, p. 17) exemplifica o atual modo de funcionamento da área: “dois polos começaram a tornar-se dominantes na emergência do campo jornalístico contemporâneo: o polo econômico (a definição das notícias como um negócio) e o polo ideológico (a definição das notícias como um serviço público)”. Entretanto, pode-se convergir os dois polos numa única via, pois não há como anular a ideologia presente em ambos ao considerar a perspectiva discursiva. Percebe-se, então, desde cedo, a “cooptação” do jornalismo para o capitalismo neoliberal, sendo que o “neoliberalismo [...] nega-se como ideologia, porque ele é a própria razão” (Dardot; Laval, 2016, p. 305).

Por outro lado, ainda que a concepção de sociedade disciplinar seja fundamental nessa visão, é possível sugerir que “a sociedade do século XXI não é mais [...] disciplinar, mas [...] de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos de obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção” (Han, 2024, p. 17). Em decorrência disso, não só o público, como também a imprensa, como empresa, espera uma postura “apolítica” do jornalista. Ao

mesmo tempo, tal nova razão impulsiona um policiamento próprio do profissional, uma autocensura que pode ser caracterizada como disciplinar. Mas isso não é tudo, porque ele ainda precisa, simultaneamente, produzir cada vez mais material jornalístico e acumular funções, na medida em que o neoliberalismo torna necessária a constante adaptabilidade à precarização profissional.

Procedimentos metodológico-analíticos

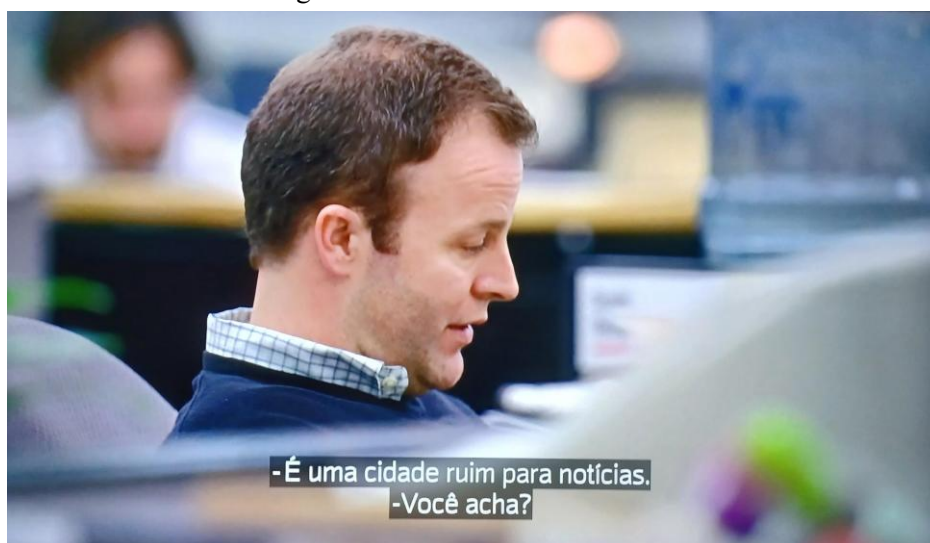
Antes de apresentar os recortes selecionados para esta análise, faz-se relevante descrever, ainda que brevemente, os princípios que a norteiam. Sabe-se que a Análise do Discurso parte da superfície textual em direção ao processo discursivo. Nesse percurso, de acordo com Orlandi (2022, p. 67), “o texto pode ser considerado como uma ‘peça’ no sentido de engrenagem. [...] Há um espaço simbólico aberto que joga [...] no modo como a discursividade se textualiza”. Dessa maneira, a “Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos. [...] Também não busca um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. [...] Não há uma verdade oculta” (Orlandi, 2015, p. 24). Diante disso, pretende-se entender principalmente como o texto, tomado nas falas de três jornalistas do jornal *The Sun*, mobiliza o simbólico. Em outras palavras, o modo de significação e representação das palavras “contaminadas” por convenções sociais históricas e culturais. Trabalha-se em conjunto, então, com cinco cenas selecionadas, resultando em dez recortes com os quais se almeja compreender e problematizar o funcionamento das projeções sociais do jornalista Scott Templeton ao explorar o modo como ele reproduz um discurso carregado de historicidade e ideologia que materializam marcas de uma racionalidade neoliberal. Pretende-se ainda, entrelaçar esses conceitos à imagem que o jornalismo produz de si como ferramenta de utilidade pública e modo como sua rotina de produção proporciona implicações que desafiam seu código de ética.

Personificação de projeções

Em cada temporada, mudanças ocorrem nas cenas mostradas na abertura de *The Wire*, de modo a diferenciar uma da outra. A imagem da impressão de jornais, seguida de um profissional escrevendo algo num bloco de notas já demonstra o foco no trabalho jornalístico

que a quinta temporada pretende abordar ao longo de seus dez episódios. Porém, é somente aos quarenta minutos e dezessete segundos do primeiro episódio que o jornalista Scott Templeton aparece. Na ocasião, Scott conversa com sua colega Alma sobre o baixo número de notícias interessantes na cidade de Baltimore, em que os dois trabalham. A partir das imagens 1 e 2, percebe-se que Scott é um jovem homem branco que se veste de maneira formal, reproduzindo uma imagem estereotipada do jornalista enquanto profissional. Observa-se também o desfoque da câmera em relação aos arredores do personagem, direcionando a atenção do espectador apenas a ele. Ao desabafar que o local “é uma cidade ruim para notícias”, Scott recebe um “você acha?” como resposta da moça. Então decide questioná-la: “quantas matérias daqui ganharam repercussão nacional? Poucas”.

Imagem 1 - Scott conversa com Alma



Fonte: *The Wire* (2008).

Imagem 2 - Scott conversa com Alma



Fonte: *The Wire* (2008).

A partir da definição de Orlandi (2015) de que o sujeito é sócio-histórico e ideológico, considera-se, em um primeiro momento, o efeito de sentido que esse diálogo entre os dois personagens é capaz de produzir no público tanto estadunidense quanto brasileiro, já que ambos estão inseridos em condições afetadas pelo capitalismo como sistema econômico. Ao almejar um jornalismo de alcance nacional, pode-se avaliar que Scott flerta com a ideologia dominante do capital ao despertar algumas das características que ela proporciona, como o desejo de crescimento e a não acomodação em âmbito profissional. Isso é reforçado pelo foco da câmera no personagem, contribuindo para um efeito de sentido de que ele é alguém à procura de ser o centro das atenções. Nessa linha, Traquina (2020, p. 86) se serve dos estudos de Greenwood (1947) para dizer que “o profissional executa os seus serviços em primeiro lugar para satisfação psíquica e em segundo lugar por compensações monetárias”. Assim, ao ser perpassado por crenças similares, o público pode ser capaz de se conectar com o personagem ao projetar um jornalista inconformado com sua realidade. Dessa forma, as declarações de Scott mesclam o anseio jornalístico por pautas de grande relevância com o desejo de ascensão presente no imaginário social, de modo a reverberar um discurso capitalista neoliberal que preza pela proatividade. Além disso, a grande repercussão de matérias chamativas proporciona um “efeito cascata” ao aumentar a visibilidade do jornal e, consequentemente, sua receita.

Nessa direção, recorta-se outra cena que ocorre aos vinte minutos e trinta segundos do episódio cinco. Nela, o telespectador acompanha a perspectiva da câmera pela altura de Gus, o editor, em relação a Scott e Alma. Sentado, Gus os chama para designar tarefas, e o diálogo ocorre enquanto os outros dois estão em pé. Diante de uma situação em que aparenta haver um

assassino em série de vítimas desabrigadas solto na cidade, Scott é encarregado de entrevistar pessoas sem-teto e, brevemente, dialoga com Gus, enquanto Alma os observa. Ao receber a tarefa, Scott retruca “obter reações dos sem-teto?” e Gus responde que “eles estão na rua, mas ainda têm opinião”. A conversa segue com Scott desviando o olhar, aparentando insatisfação. O recorte a que se pretende dar ênfase aqui, no entanto, é quando, logo em seguida, Scott pergunta onde encontraria os sem-teto. Enquanto produz um efeito de deboche por meio de sua expressão facial, Gus diz “não sob um teto, imagino”.

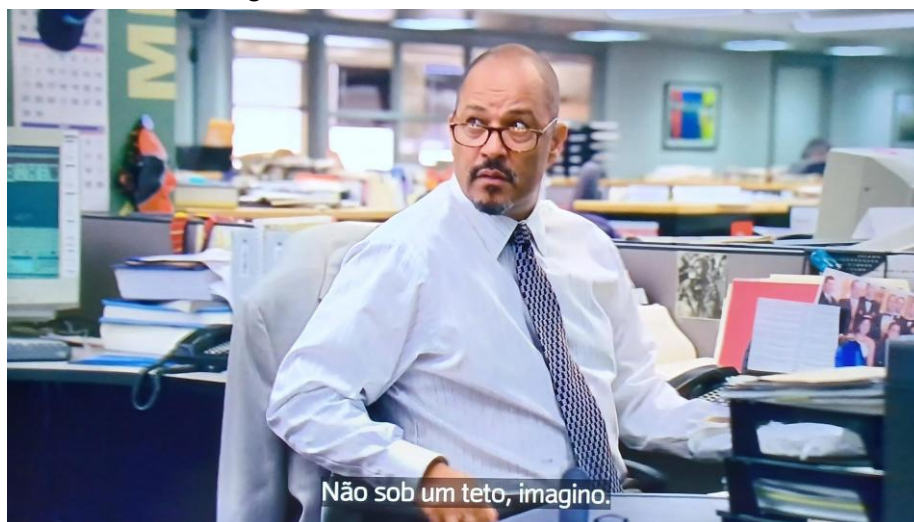
Apesar da distância entre a aparência de Gus, um homem careca, negro, mais velho e nada esbelto, e a imagem idealizada de um jornalista bem-sucedido, essa aparência também pode ser responsável por produzir o efeito de um profissional mais experiente e que não se intimida facilmente. Ainda que a imagem 3 dê ênfase aos personagens mais jovens e subordinados, Gus aparece totalmente centralizado e focado na imagem 4, o que, somado ao cargo que ocupa e a resposta dada a Scott, solidifica uma imagem de jornalista difícil de ser desprezada pelo público que assiste a série, mesmo que se afaste do senso comum.

Imagem 3 - Scott conversa sobre os sem-teto



Fonte: *The Wire* (2008).

Imagem 4 - Scott conversa sobre os sem-teto



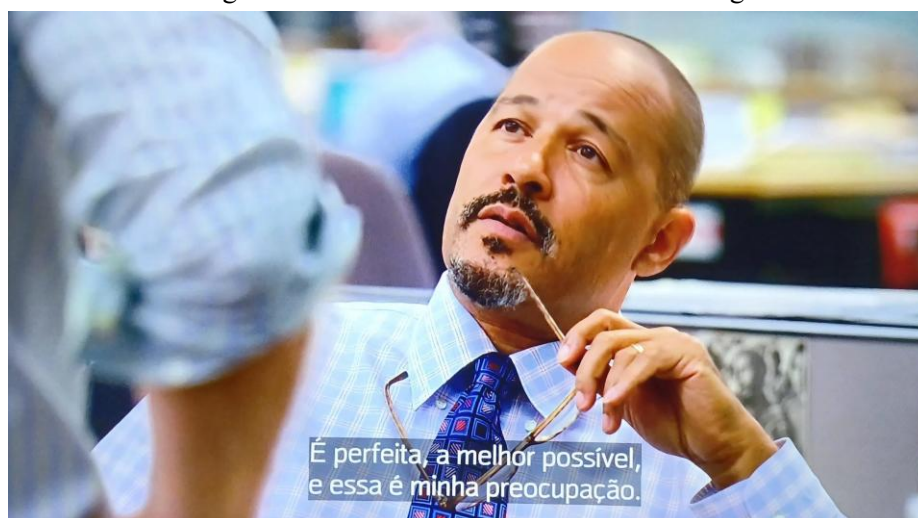
Fonte: *The Wire* (2008).

Por meio dessa cena, retoma-se a oposição entre jornalistas abordada nos apontamentos iniciais, pois, segundo Orlandi (2022, p. 106), “quanto mais centrado o sujeito, mais cegamente ele está preso à sua ilusão de autonomia ideologicamente constituída”. Como o sujeito é interpelado pela ideologia nos processos históricos em que está inserido, a diferença tanto de idade quanto de cargo entre Scott e Gus viabiliza uma contrastante visão de mundo ou percepção de obviedade. Pode-se considerar, então, que a cena produz um sentido de confronto entre duas projeções sobre o que é ser um jornalista. Conforme Dardot e Laval (2016), a própria imprensa dissemina um discurso midiático que desvaloriza a solidariedade. Reforçado pela cena das Imagens 1 e 2, Scott é habilitado a se tornar a representação de um “novo jornalismo”, mais adaptado à autossuficiência no mercado de trabalho, mas que também reproduz um discurso de maior individualismo e insensibilidade com pessoas em vulnerabilidade social. Essa visão se choca com a de Gus, responsável pela reprodução de um discurso mais coletivista e empático.

No entanto, para que se possa dessuperficializar a posição de Scott, é necessário explorar a historicidade que o perpassa e exacerba-se mais precisamente nos últimos episódios. No oitavo, por exemplo, aos quarenta e oito minutos, Gus chama Scott para avisá-lo de que cortará o artigo que ele fez sobre uma mulher desabrigada que deu entrevista num evento e não quis se identificar. Nessa cena, Scott está novamente em pé, enquanto Gus está sentado e a câmera acompanha a altura e o olhar do editor em relação ao outro. Gus argumenta que o outro poderia ter entrevistado diversos desabrigados que estavam dispostos a se identificarem na ocasião, mas Scott rebate, dizendo que a história é ótima. Então, Gus diz: “É perfeita. A melhor possível, e essa é minha preocupação”, o que já pode fazer emergir sentidos de desconfiança do espectador para com o caráter de Scott. Apesar de retrucar com “Dane-se você, se acha que inventei”, a

declaração de Scott depõe mais contra do que a favor dele, já que as palavras são carregadas de sentidos.

Imagem 5 - Gus e Scott discutem sobre um artigo



Fonte: *The Wire* (2008).

Imagem 6 - Gus e Scott discutem sobre um artigo



Fonte: *The Wire* (2008).

Para compreender como essa cena produz efeitos negativos sobre Scott, recortam-se as palavras “preocupação”, “dane-se” e “inventei”. Historicamente, a preocupação costuma estar associada ao incômodo e/ou desgosto com algo ou alguém. Já a expressão “dane-se” se trata de um xingamento, ou seja, pode resgatar sentidos associados à agressão e à violência. Em razão disso, a articulação dessas duas palavras torna Scott apto a receber o rótulo negativo de alguém que recorre à agressividade para se proteger. Em relação ao terceiro termo, a menção ao verbo inventar também pode fazer emergir sentidos negativos sobre Scott, já que o

“inventei”, dito na tentativa de antecipar acusações mais incisivas de Gus, acaba não por negar, mas por afirmar a possibilidade de ter, de fato, inventado a história. Assim, propriamente a postura defensiva assumida por Scott é o que acaba por culpabilizá-lo. O funcionamento do efeito de hostilidade entre os dois personagens que esse diálogo é capaz de produzir junto à câmera, que os centraliza e desfoca tudo ao redor, pode contribuir para a volta da materialização do confronto entre a posição de jornalista representada em cada um.

Como um dos aspectos constitutivos do sujeito é a imagem que o outro faz dele (Orlandi, 2015), torna-se pertinente a inclusão de duas cenas em que Alma e Gus interagem na ausência de Scott. Aos vinte e três minutos e cinquenta segundos do episódio nove, o editor a questiona se não havia conseguido material melhor da entrevista com uma fonte importante sobre o caso do assassino em série. Alma alega que o homem se negou a comentar mais por terem usado seu nome em vão em matéria passada.

Imagem 7 - Gus questiona Alma sobre fonte



Fonte: *The Wire* (2008).

Imagem 8 - Gus questiona Alma sobre fonte



Fonte: *The Wire* (2008).

Quando Alma diz “usamos o nome dele em vão antes”, a declaração possibilita que o leitor resgate o momento no início da temporada em que Scott é o jornalista a produzir a notícia. Isso possibilita retomar os estudos de Traquina (2020), que, a partir de Leonor O’Boyle, afirma que uma das imagens antigas atribuídas por governos ao jornalista é a de um promotor de instabilidade social para promoção pessoal. Quanto às mudanças na sociedade do século XX para o XXI, período em que se passa a série, é possível afirmar que mudam também os modos de gestão dos sujeitos no espaço público, “no lugar de proibição, [...] entram projeto, iniciativa e motivação” (Han, 2024, p. 17). Diante disso, pode-se perceber que a iniciativa de Scott motivada por reconhecimento pessoal, ao fabricar um suposto material jornalístico, é responsável por fazê-lo ignorar limites éticos e legais. No recorte, o homem entrevistado em questão é um funcionário público de cargo alto na administração municipal de Baltimore, então se pode conjecturar que, a partir da quebra da relação de confiança estabelecida entre jornalista e fonte, tem-se a reprodução de uma perspectiva negativa sobre o jornalismo que costuma ser recorrente na esfera governamental. Esse atravessamento se mescla à nova rotina de produção jornalística e permite quase uma legitimação da difamação, levando em conta que, apesar de Scott ter usado a fonte em vão, não houve represálias. Afinal, a legalidade se torna obsoleta diante da priorização do desempenho (Dardot; Laval, 2016). Assim, infere-se que Scott possibilita a projeção de múltiplas imagens sobre o que é ser jornalista.

Por último, retoma-se o bloco de notas mencionado no primeiro parágrafo desta análise para que se observe seu funcionamento simbólico. Mais especificamente, pode-se avaliar que o bloco atua como representação da prática jornalística, já que serviu e ainda serve de prova para o profissional se proteger de acusações e perseguições no jornal em que trabalha. Aos

quarenta e seis minutos do décimo episódio, Alma vai até Gus para alertá-lo de que o bloco de Scott não contém nenhuma anotação. Nesse sentido, um paralelo entre as imagens 1 e 2 e as imagens 9 e 10 é possível, ao se perceber que Scott aparece mais ao lado esquerdo da tela e olhando para o direito, enquanto Gus está mais ao lado direito e olhando para o esquerdo; o que permite ressoar o conflito constante entre os dois personagens. O fato de o bloco de notas estar vazio se alinha com a afirmação de Scott sobre Baltimore ser uma cidade ruim para notícias. Ao mesmo tempo, considerando a representação do editor de um profissional regrado e a representação de Scott como alguém capaz de inventar fatos, o contraste entre eles retorna no conformismo do primeiro com a realidade e no inconformismo do segundo.

Imagem 9 - Alma avisa Gus sobre as anotações de Scott



Fonte: *The Wire* (2008).

Imagem 10 - Alma avisa Gus sobre as anotações de Scott



Fonte: *The Wire* (2008).

Segundo Traquina (2020), os primeiros livros sobre jornalismo dos EUA aconselhavam a improvisação de fatos, e havia profissionais que contavam “estórias” de forma antiética, mas considerada necessária na época. Desse modo, observa-se que, constantemente, o jornalismo flerta com uma construção da realidade que não se ampara numa suposta representação da verdade, mas provoca um efeito de verdade em quem o consome. As matérias de Scott, como a já mencionada em que ele “consegue” uma declaração polêmica de um funcionário público de Baltimore, são responsáveis por múltiplos desdobramentos na série. Nessa lógica, Scott replica um modo de atuação profissional que sobreviveu, e sobrevive, graças à conviência de alguns colegas, enquanto o adapta à dinâmica neoliberal, pois nela, “a partir de um determinado nível de produtividade, a [...] proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento” (Han, 2024, p. 18).

Assim, o efeito de verdade produzido pelos e para os que acreditam em tais notícias rompe ao menos parte do policiamento do profissional com sua conduta, já que o neoliberalismo não só incentiva a liberdade econômica das empresas em relação aos limites do Estado, como também a liberdade na/da individualidade. Então, pode-se compreender que, enquanto subverte a lógica da área, em certa medida, ao mobilizar o bloco de outra maneira, Scott é atravessado por questões históricas anteriores que podem até mesmo terem alcançado Gus, enquanto também é afetado pela condição econômica do The Sun e a razão dominante em seu país.

Considerações Finais

Em decorrência dos múltiplos processos em funcionamento na construção do personagem Scott, a tentativa de despolitização do jornalismo auxilia na fixação de uma imagem da procura por imparcialidade e ética. A dessuperficialização de Scott ocorre ao emergirem os sentidos de que ele espelha a representação da lembrança de que a profissão é incapaz de anular suas raízes opinativas e ficcionais. Enquanto isso, o capitalismo neoliberal do século XXI e a profissão se retroalimentam, testando os limites tanto constitucionais quanto éticos da sociedade. O novo e o velho se entrelaçam na imagem do jornalista, o que reforça o quanto a historicidade o afeta, pois o efeito de verdade e a legitimidade compartilhados socialmente em relação à profissão se consolidam, em grande parte, na unificação de projeções dispersas, atravessadas por múltiplas questões históricas.

Paradoxalmente, o jornalismo parece não recuar em depender de um regime democrático, ao mesmo tempo em que o prejudica com condutas duvidosas e um discurso midiático nocivo à profissão. Scott, por exemplo, não hesitou em apresentar a história, que classificou como ótima, de uma suposta mulher desabrigada a Gus. Paralelamente, o aparente desprezo à pauta envolvendo os sem-teto demonstra uma faceta desse “novo jornalismo” que é coletivista para proveito individual.

Dessa forma, constata-se que o jornalismo, governado pela concorrência, reproduz inevitavelmente múltiplos discursos conectados ao neoliberalismo, como se procurou problematizar neste estudo, a partir da série *The Wire*. É possível inferir que o jornalista, inserido na atual dinâmica de competitividade, precisa tomar cuidado para não confundir a utilidade pública com os interesses privados. A priorização da produtividade também permite que ele próprio inverta os dois, de modo a alimentar, propositalmente, a sua carreira e/ou o financeiro de seu trabalho. Assim, legitima-se enquanto profissional e se refugia, em tempos de crise de confiança ou monetária, quando o veículo toma atitudes passíveis de serem classificadas como insensíveis aos próprios trabalhadores e/ou predatórias para os consumidores.

Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, Pierre et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 23-37.

HAN, Buyng-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini; tradução dos trechos em inglês Letícia Meirelles. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

HERNÁNDEZ-PÉREZ, Elisa. **Ficción televisiva y puesta en cuestión de la lógica discursiva del capitalismo contemporáneo**: the wire (hbo, 2002-2008) como caso de estudio. 518f. 2019. Tese (Doctorado en comunicación e interculturalidad) - Facultat de Filologia, traducció i comunicació; Universitat de València, València, 2019. Disponível em: <https://producciocientifica.uv.es/documentos/5eb09d092999527641123ded>. Acesso em: 07 fev. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira**: no sentido extramoral. Brasil: LeBooks, 2019. (Coleção Nietzsche).

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular Livros, 2020. (Coleção Teorias do Jornalismo, v. 1).

THE WIRE [Seriado]. (Temporada 5). Direção: Anthony Hemingway; Dominic West; Ernest R. Dickerson; Joe Chappelle. Produção: Karen L. Thorson; Nina K. Noble; David Simon; Ed Burns; Joe Chappelle; Simon Eggleton; Leslie Jacobowitz; Shannon Forgy. Intérpretes: Dominic West, Clark Johnson, Tom MacCarthy et al. Roteiro: David Simon, Ed Burns, George Pelecanos, Richard Price. Baltimore: Warner Bros Discovery, 2008. (600 min). Disponível em: <https://www.max.com/br/pt/shows/wire/1bc3aff5-0d6a-4c0b-8ed0-5716ca30ab3b>. Acesso em: 06 dez. 2024.

Recebido em: 8 de fevereiro de 2025

Aceito em: 11 de junho de 2025